

POR ONDE AS VACAS PASSARAM: OS RUÍDOS DE UMA CIDADE AO REVÉS

JULIANA DOS SANTOS NUNES¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

“e o coração de uma vaca sem nome

Será que se come?

a ciência de se comer uma vaca

um quilo e tanto dentro do peito”

Marília Floor Kosby – Mugido

Este trabalho visa apresentar a caminhada etnográfica realizada através da disciplina de Pesquisa Etnográfica I do curso de Bacharelado em antropologia, realizada no Antigo Caminho das Tropas, percorrendo desde o Prado até as antigas hospedarias, seguindo em direção ao Passo dos Negros, Balsa e finalizando no Campus Anglo, antigo frigorífico, pensando nas maneiras de habitar e viver em Pelotas, apresentando as camadas temporais, imagéticas, populacionais, perpassadas entre momentos distintos: o *revés* da cidade a partir da sensibilidade do caminhar e sentir.

A cidade que se apresentou durante o trajeto abraça diferentes contextos, muitas vezes não representados pela história oficial, entretanto, a experiência de se deixar levar pelo caminho e por isso pensar na ideia de transeunte (estar em trânsito, sentindo, participando e observando) e não apenas um mero caminhante, mostra e se faz notar as marcas dos tempos sobrepostos.

Como afirma Alfonso & Rieth: “assim o viver na/da cidade abarca diferentes historicidades o que nos permite pensá-la em transformação. A paisagem urbana é heterogênea porque nela coexistem diversas temporalidades inscritas na sua materialidade” (p.02).

Lugar onde antes eram comercializadas vacas e gentes, num tempo de pujança e fartura, o Passo dos Negros hoje é um local de exclusão social dentro da cidade, onde a precarização do sistema capitalista e do Estado mostram suas facetas mais aguadas e estruturais, porém não deixa de ser um lugar em movimento em seu fazer-cidade (Agier, 2008).

Assim sendo, as marcas na materialidade do antigo frigorífico ou da ponte dos dois arcos deixa entrever, nas frestas do tempo uma narrativa outra da cidade, *montando* seu ponto crítico entre o sal e o açúcar, inventando formas diversas de resistir às intempéries do tempo cronológico e reinventando espaços para se praticar e viver na cidade.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente trabalho partiu das experiências do artesão pelotense Sr. Camilo Pereira que trouxe suas lembranças a fim de construir a caminhada no Antigo Caminho das Tropas, tendo como ponto de intersecção o fato de ser morador de um dos pontos que constitui o trajeto, dialogando intensamente com as lideranças dos bairros pelos quais passamos.

Além disso, a construção do trajeto também se deu simultaneamente por dentro da disciplina de Pesquisa Etnográfica I a qual visou brindar com novas perspectivas metodológicas que vão para além do “diário de campo” convencionalmente apresentado e discutido dentre os aportes metodológicos da antropologia.

Sendo assim, apoiamo-nos nas leituras de Tim Ingold, novamente na sua percepção dos lugares, das mais variadas vidas reunidas num mesmo espaço e também nas sensibilidades que o caminhar exerce sobre o corpo humano e não humano, nas coisas ao redor, educando nossa atenção para as pequenas composições do urbano, dos *entre* lugares e formas de viver e experienciar o citadino.

Dessa maneira, a utilização de diversas grafias foram estimuladas a fim de percebermos novas formas de escritas antropológicas, aliadas, obviamente, aos aportes clássicos da disciplina. O diário de campo, tornado gráfico a partir dos desenhos, fotos, poemas e divagações de toda ordem, foram fundamentais para a metodologia pensada no contexto de chamar a atenção à educação do olhar, do corpo e dos sentidos.

Também se trabalhou com a ideia de *montagem* a partir de Walter Benjamin, a qual auxilia para pensar a uma dimensão de uma história a contrapelo e a formação de narrativas plurais sobre e dentro da cidade, evidenciando uma temporalidade diversa daquela contada pela história oficial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Caminhada etnográfica no antigo Caminho das Tropas começou numa tarde agradável, entre o calor e os ventos outonais; reunimo-nos na frente do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas e de lá partimos para a primeira vista do trajeto, perto do Macro atacado Krolow.

Camilo, artesão pelotense acompanhou toda a caminhada através de suas memórias sobre o tempo das tropeadas pela cidade de Pelotas desde a chegada dos animais até o abate no frigorífico Anglo.

Desse trajeto, seguimos para a Avenida São Francisco de Paula a fim de chegar ao Parque da Baronesa, onde passavam as tropeadas desde o Prado. Desse local chegamos ao Shopping Pelotas, outra localidade importante para os tempos dos caminhos das tropas.

A partir desse ponto em diante, com a presença em todo trajeto do Sr. Camilo e seus recuerdos e indagações sobre aqueles tempos passados, tentando nos transportar para o momento em que os bois e as vacas caminhavam rumo ao abate no frigorífico, onde hoje se situa o Campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas, uma verdadeira *montagem* surgiu a partir de lugares e sobreposições de espaços, os de ontem e os de hoje, e *ruídos* temporais de uma história a contrapelo, como bem sugeriu Walter Benjamin.

O impressionante na região próxima ao Shopping Pelotas, histórica por seu passado charqueador, justamente por ser caminho do gado, é o desenvolvimento

e especulação imobiliária empreendida por grandes construtoras, avançando significativamente sobre as comunidades mais pobres da cidade.

Seguindo a caminhada etnográfica, entramos numa pequena estrada de terra, pasto e mata, depois de atravessar uma grande avenida asfaltada, ao lado do Shopping, que dá acesso ao condomínio de luxo Lagos do São Gonçalo, espantosamente isolado por um imenso muro verde com câmeras apontando para os transeuntes do lado de fora, que, no entanto, estabelecem uma relação.

Neste momento, percebe-se a cidade às margens expostas, a partir do Passo dos Negros, o avanço de uma desigualdade aguda e que muitos viram o rosto para o lado a fim de não ver: a estrada que antigamente as vacas passaram para o abate, no tempo da pujança charqueadora, é a mesma onde passam vivem hoje cavalos velhos, homens, mulheres e crianças em pequenos casebres, ocupando a cidade de uma maneira diversa daquela que conhecemos.

Lembrei-me do filme Quanto vale ou é por quilo? E as camadas temporais que unem o Passo dos Negros do passado com o presente, nas descontinuidades existentes entre a centralidade de antes nos tempos das tropeadas e da venda de homens e mulheres escravizados e as margens de hoje e assim notei a continuidade da exclusão social daqueles moradores, relevada pela precariedade das habitações, na falta de saneamento básico, no acesso a bens e serviços, estava evidente enquanto caminhávamos, mas também nas reminiscências de um passado não tão longe dos nossos olhos e dos sentidos dos nossos corpos.

Nessa caminhada em busca de percursos e de vida nos fez ver muito mais que os “dragões” (Ingold, 2012), pois nos trouxe à tona o revés da cidade, uma maneira de estar nela em resistência, mostrando as margens de Pelotas (Agier, 2015).

Entretanto, esse mesmo revés, mostra não somente as desigualdades evidentes num país construído a partir da exclusão estrutural de certos núcleos e aglomerados de pessoas: *passam vacas, mas também passam negros escravizados para trabalhar no charque.*

Portanto, por atacado ou por quilo, não à toa começar o percurso desde as margens de um arroio sufocado pela onda da modernidade capitalista desde os princípios do século XX, igualmente não é por acaso que tais teias estejam interligadas e levam para os lugares limítrofes, onde a miserabilidade é uma nódoa; *quando as tropas passavam levantavam poeira.*

Com essas reflexões sobre pensar os espaços da cidade, chegamos ao Passo dos Negros; é pensando na *montagem* espaço-temporal que se chega aos ruídos percebendo nas casas o vai e vem nômade, a peregrinação e ao mesmo tempo a resistência daqueles e daquelas que reivindicam sua permanência no local e seu modo de viver particular.

Ao ver aquele caminho estreito de chão batido, “não é bastante não ser cego” como disse Fernando Pessoa ao abrir a janela, com pasto, banhado, canal São Gonçalo, com vacas, cavalos, cachorros, homens, mulheres e crianças, o olhar te revida, te faz pensar na infinidade de seres e coisas que coabitam o mesmo espaço, numa “reunião de vidas” como afirma Tim Ingold (2012).

As vacas já deviam pressentir a chegada

Os negros já sabiam da sorte que lhes aguardava

A figueira é o alento dos pretos velhos para suportar o frio e o sal.

Há vida nesse lugar, as pessoas transitam com suas bicicletas, a pé ou com seus animais de transporte, especialmente cavalos, aliás os mais encontrados ao longo do trajeto. Os cavalos também servem para o trabalho

diário de muitos, são mágicos e protetores daquele espaço. *Em outros tempos tocavam as vacas, tocavam as gentes.*

4. CONCLUSÕES

Neste sentido, percebemos uma cidade em contraste com a urbanidade e com o avanço da especulação imobiliária, que se movimenta no compasso dos animais, das rodas, das pernas, pois não chega transporte público em certas localidades pelas quais caminhamos.

Mais que uma condição de estar nesses espaços, mas sim as relações e as intersecções desses mundos, não somente passado-presente e sua sinfonia latejante dos relógios, mas daquela cidade que vem assoprada pela “tempestade chamada progresso” como afirmou Benjamin e que se encontra com a ruralidade do Passo dos Negros e sua exclusão social.

Por dentro da disciplina de antropologia, trouxe-nos diversas discussões a respeito da metodologia, bem como a futura criação de um diário gráfico com os materiais artísticos e etnográficos produzidos na certeza de dar continuidade às caminhadas a fim de pensar os atravessamentos de tempos, pessoas, seres e dimensões de lugares, nesse fazer-cidade plural e praticada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCHI, Sérgio. Filme: **Quanto Vale ou é por quilo?** Brasil, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Editora Vozes, Petrópolis, 1998. Parte III.
- CANTINHO, Maria João. Site Pessoal. <https://mjcantinho.com>
- HUAPAYA, César. Montagem e Imagem como Paradigma. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**. Porto Alegre, v.6, n.1, p. 110-123, jan./abr. 2016.
- PESSOA, Fernando. **Poesia Completa de Alberto Caeiro**. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2005.
- RAMIL, Vitor. **Foi no mês que vem, volume 1** – música A Resposta.
- RIBEIRO, Daniel Melo. As Imagens Dialéticas de Walter Benjamin na Montagem de Godard. **Paralaxe**, v.4, nº1, 2016.
- INGOLD, Tim. O Dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p.21-36, 2015.
- _____. Trazendo as Coisas de Volta à vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.